

O autor propõe uma ética sexual e uma educação para o amor como condição para a humanização da sexualidade e da felicidade humana. Apresenta a sexualidade no contexto da afetividade e da transcendência, afirmando que «a sexualidade é uma semente de eternidade... aponta para a plenitude». Aborda, ainda, os erros na educação moral e ética atual, propondo a educação para o amor como a verdadeira educação sexual. A partir deste tema, trata de questões como a castidade, a virgindade, o namoro, a clonagem, a pedofilia e as drogas. A conclusão é «a necessidade de evangelizar a sexualidade» como uma das tarefas fundamentais da teologia na atualidade.

Temas de Ética Sexual e Educação para o Amor

*Dom Orlando Brandes**

* O Autor, que durante 20 anos lecionou Teologia Moral no ITESC, é Bispo diocesano de Joinville.



Introdução

O tema é fascinante e ao mesmo tempo inquietante. Que dizer eticamente sobre a “era do ficar”, do sexo virtual na internet, dos jovens que transam em casa com ou sem a anuência dos pais, das crianças com iniciação sexual precoce, dos que optam em tomar banho com seus filhos, de idosos que adquirem aids, de uniões de fato entre pessoas do mesmo sexo, ou de adultos (idosos) com garotos/as jovens etc. O sexo tornou-se onipresente, onipotente, onisciente. É um ídolo.

Aí está o tempo sombrio da Aids, a balbúrdia sexual da mídia, as discussões sobre a clonagem, o prazer obrigatório, o lucro em cima do sexo, o fracasso do matrimônio, as novas concepções de família, o medo de ter filhos, a descrença na castidade, a gozação da virgindade, o culto do corpo, a suspeita sobre a vida dos religiosos e consagrados, a cultura do “tudo é normal”, que acaba em vulgarização do corpo.

Por outro lado, ressoa cá e lá a necessidade de se estabelecer limites e defender valores; a ressaca sexual e seu tédio provocam de um lado o uso de drogas, de outro, a opção religiosa e mística, e quando não, um neoconservadorismo cultural ou religioso. Sexólogos modernos afirmam que “amar é mais do que fazer amor” e lembram que o afeto, o amor, a religião, a ética, salvam a sexualidade dos desvios.

Nosso artigo oferece reflexões sobre alguns temas de ética sexual e de educação para o amor, na esperança de contribuir para a humanização da sexualidade e da felicidade humana.

1 Sexualidade, afetividade, transcendência

A mitologia grega focalizou a ética sexual usando como símbolo três cidades: Corinto, Atenas, Delfos. Corinto, com seus canais e porto indica a dimensão dialógica, relacional, interpessoal da sexualidade. Trata-se de uma força de comunhão, de comunicação, de encontro, de alteridade, de abertura, de diálogo, de saída de si e encontro com o outro. Então, o sexo egoísta, narcisista, é perverso. É o que aconteceu com Édipo. A sexualidade absolutizada no prazer egocêntrico leva à morte. A lei é: quero que te comuniqués.

Atenas é a cidade da beleza, do encantamento, da arte, da ciência. Simboliza o Eros, a ternura, o carinho, a afetividade, as emoções, os sentimentos, a paixão, o calor humano, a libido, a pulsão, a atração, a



simpatia, o envolvimento, a empatia. Sexualidade não é só genitalidade, corporeidade, prazer. É fascínio, sonho, desejo. Não morremos por falta de sexo, mas por falta de afeto. Um simples toque realiza maravilhas. O carinho é a “carícia essencial”. A lei é: quero que tu sejas mais, que te realizes.

Delfos é a cidade dos deuses, da mística, da transcendência, da religião. A sexualidade é uma semente de eternidade, impele para o Absoluto, o face a face, o eterno, as núpcias do Cordeiro. Aponta para a plenitude. Sexualidade e espiritualidade se apetezem, mística e Eros são forças de união com Deus. O livro do Cântico dos Cânticos mostra o amor erótico como sinal do amor de aliança de Deus para com a humanidade. A lei é: quero que transcendas. O matrimônio é um sacramento que visibiliza o amor esponsal de Deus pelo mundo. É a esponsalidade da sexualidade, isto é, a capacidade de doação de si e de acolhimento do outro. No encontro com o grande Outro, não há mais necessidade do matrimônio.

Muitos desvios da sexualidade estão arraigados nos erros da educação dos filhos, mesmo sendo “erros de amor”. Escolhemos dez erros principais, que começam desde o útero ou antes ainda. A educação de uma criança começa 20 anos antes de ela nascer.

2 Dez Erros na Educação dos Filhos

1. O **autoritarismo**: que se caracteriza pela rigidez, domínio, espancamento, poder, inflexibilidade. Este despotismo cria nos filhos agressividade, mentira, duplicidade, frustração, conformismo e dependência. Transforma-os em pessoas inseguras, sem convicções, apreensivos, angustiados e desejosos de fugir de casa. Os pais autoritários acham que jamais se enganam, que são donos da verdade, impõem normas, dominam pela agressividade.
2. O **permissivismo**: são os pais superprotetores, não corrigem, não exigem, deixam o barco correr, satisfazem os caprichos dos filhos, cedem às suas exigências mais extravagantes, facilitam tudo, privando-os da autonomia e liberdade. As conseqüências são: filhos dependentes, apáticos, imaturos, indisciplinados, fracos, infantilizados, caprichosos.



3. A **imaturidade**: os pais são incapazes de tomar iniciativas, um deixa para o outro a solução dos problemas, não querem perder o prestígio diante dos filhos, omitem-se diante das responsabilidades, preferem ser “colegas” de seus filhos, fugindo de sua missão educadora.
4. A **obsessividade**: são pais que vivem assaltados por temores e suspeitas, escrúpulos e intolerância, perfeccionismo e exageros na alimentação, higiene, limpeza e moral. Mantêm padrões rígidos de conduta, repressão dos afetos e emoções, preocupação pelas aparências, condutas neuróticas contra o sexo, o namoro, a liberdade.
5. A **negligência**: que transparece nas atitudes de apatia, acomodação, desinteresse, fuga, ambiente quase anárquico. Os interesses materiais, profissionais e esportivos têm primazia. A família fica em segundo plano. A responsabilidade da casa recai 90% sobre a mãe, ou os avós, babás ou terceiros.
6. A **demissão**: são os pais que delegam a tarefa educativa, à escola, religião ou terceiros. A casa é apenas dormitório. Compensa-se a ausência com o presente, dinheiro e festas. Há sempre a desculpa da falta de tempo. Mesmo presentes fisicamente, estes pais estão distantes afetivamente.
7. O **moralismo**: é o culto à lei, à moral, à submissão. A proibição é a marca registrada do moralismo, ao lado da inflexibilidade. Não há espaço para a opinião dos filhos, para sua participação no processo educativo. O negativismo sobressai, fortalecendo o tradicionalismo e a intolerância.
8. A **ansiedade**: que se manifesta nos desequilíbrios emocionais, na agressividade e brigas, mau humor, fechamento, insultos, desconfiança. Cada um vive para si, joga-se a culpa nos outros. Todos acham-se donos da verdade e não admitem os próprios erros. A indefinição e incapacidade de tomar decisões criam um clima neurótico, discussões violentas, acusações mútuas e uma infinidade de doenças psicossomáticas.
9. A **distância**: que pode ser física e afetiva, principalmente quando os filhos são indesejados, antipáticos, problemáticos e os pais consumistas e ambiciosos. O casal vive mais para si e seus interesses e distante dos filhos, os quais sentem-se excluídos e rejeitados. A falta de comunicação, o desinteresse, o desafeto,



além de fomentar a distância, gera o mutismo, a raiva, a depressão dos filhos.

10. A **descrença**: é a falta de fé, o abandono da religião, a ausência de Deus e de espiritualidade. Nestas famílias, a TV, o consumismo, a moda, as futilidades, o dinheiro, têm primazia. Medo, dramatização, chantagens e egoísmo são acrescentados à descrença. Quando nestas famílias acontece a doença, acidentes e mortes, o desespero, a revolta, a histeria, costumam ser comportamentos conseqüentes à falta de fé e ausência de Deus.

3 As Crianças e seus Educadores

Educar não é tarefa fácil, mas é missão indispensável. Nossas crianças querem deixar um recado para seus pais e educadores:

1. Não tenham medo de ser firmes comigo. Sua firmeza me dá segurança.
2. Não me tratem com excesso de mimo. Nem tudo o que eu peço me convém.
3. Não me corrijam na frente de outras pessoas. Isso me revolta.
4. Não permitam que eu forme maus hábitos. Dependo de vocês para saber o que é certo e o que é errado.
5. Não façam promessas apressadas. Sinto-me mal quando as promessas não são cumpridas.
6. Não me sufoquem com suas preocupações. Eu também preciso aprender com o sofrimento e com os erros.
7. Não sejam falsos comigo. A falsidade faz eu perder a fé em vocês.
8. Não me incomodem com ninharias. Irei fazer-me de surdo.
9. Não dêem a impressão de serem perfeitos, infalíveis. O choque será muito grande quando eu descobrir seus defeitos.
10. Não deixem sem resposta minhas perguntas. Do contrário, deixarei de fazê-las e buscarei informações em outros lugares.
11. Não se sintam humilhados ao terem que pedir desculpas. O perdão me aproxima de vocês.
12. Não digam que minhas preocupações e problemas são tolices. Tentem compreender-me. Ficarei mais sereno.



13. Não esqueçam que estou crescendo e mudando rapidamente. Tentem acertar o passo comigo.
14. Não me comprem com presentes. O melhor presente é a presença de vocês. Com vocês sinto-me seguro, forte, amado.
15. Acolham-me desde a fecundação, alimentem-me com aleitamento materno, carreguem-me no colo, toquem-me, porque preciso de tudo isto para crescer saudável e equilibrado.
16. Preciso de um pai forte e amigo, de uma mãe equilibrada e feliz. Seu jeito de ser é que fica marcado em mim. Poderei esquecer suas palavras, não esquecerei seus gestos.
17. Não imponham nem direcionem minha profissão e vocação. Podem aconselhar-me, mostrar-me suas razões, mas deixem-me a liberdade de escolher.
18. Se vocês se amam, eu me sinto amado por vocês. Se vocês brigam, não dialogam, não se perdoam, eu me sinto um órfão de pais vivos.
19. Porque vocês foram fracos no bem, eu agora sou forte no mal. Vocês se tornaram pais despreparados e eu cresci desequilibrado.
20. Se vocês não me elogiarem, se me castigarem injustamente, se não me ensinarem a rezar, se satisfizerem todos os meus desejos, vocês estragaram minha vida.

4 Etapas e Fatores da Educação Moral

Numa tentativa de solução dos problemas relativos à ética e sexualidade, apresentamos as etapas e, a seguir, os fatores da educação moral. Num primeiro momento, as etapas.

1. Anomia ou o “estágio pré-moral”, onde a criança se orienta pelo princípio prazer-dor e onde o fator inicial do crescimento moral é o temor. O critério básico desta etapa é a imitação dos pais, isto é, a moral depende dos que rodeiam a criança.
2. Heteronomia, ou moral externa, onde o critério base é recompensa-castigo, portanto, a sanção. As fontes desta moralidade são: a família, a escola, a religião e as amizades. É o tempo da disciplina. Os sentimentos vividos são os de culpa, vergonha, tristeza, pois a criança absorve os costumes. É a força da sugestão e da imitação que levará ao mimetismo, facilidade de imitação.



3. Socionomia, ou moral externa-interna, onde o adolescente sente-se membro da sociedade e se confronta com o tu, a alteridade. Nascem os critérios de obrigação, responsabilidades, dever, louvor-censura, aprovação-desaprovação, certo-errado. Aumenta o senso do outro, da justiça, a consciência de grupo. É o tempo da simpatia, da confiança, e busca da boa fama.
4. Autonomia, ou moral interna, onde sobressai a identidade pessoal através da ruptura com a família, com as convenções, instituições, tradições. O critério base é a convicção pessoal, a opção responsável e livre, a consciência. É a fase da formação do eu moral e internalização de valores.

Contemplemos agora os “fatores” da educação moral:

O primeiro fator é a “inteligência”, altamente decisivo na formação moral em relação à autocrítica, busca de ideais, juízo sobre as conseqüências das ações, previsão do futuro, discernimento, solução dos conflitos, adaptação, elaboração de critérios.

O segundo fator é o “afeto”, que educa mais que um código de normas. Só as pessoas amadas mudam e crescem. Pelo afeto chegamos às convicções, pois sem o coração a pessoa não se educa. Os gestos, a ternura, o afeto, o elogio, o aconchego, dão o perfil da personalidade moral equilibrada e madura.

O terceiro fator são os “valores”, isto é, ideais e direções para as quais a pessoa orienta e polariza sua vida. Os valores dão as razões e o sentido do agir. Não temos carência só de afetos, temos carência de valores e de sentido. Os valores oferecem convicções e motivações para a ação, dão significado para a vida.

O quarto fator é o “ambiente” que tem capacidade de sugestão e de persuasão, influenciando poderosamente na educação moral. Pensar na formação moral sem a melhora do ambiente é permanecer na ineficácia educacional. Resulta disso a responsabilidade pela atuação sobre o ambiente, para que ele não destrua o que a família, Igreja, escola atentou construir. Ambiente é a rua, o esporte, os divertimentos, o trânsito, os meios de comunicação, os bares, os grupos, a cultura, o trabalho, o namoro, a dança, o lazer, os fins de semana etc.

O quinto fator é o “grupo”, o qual ajuda o relacionamento humano e o crescimento moral. Sem a vida em grupo não crescemos. Em grupo se faz história e se possibilita a reciprocidade das consciências e o



aperfeiçoamento ético. Hoje temos uma riqueza de grupos diferentes como: grupos de jovens, de bairro, de oração, Ceb's, associações. Tudo contribui para a maturidade moral.

O sexto fator são as “atitudes”. Eric Erickson criou um sistema de educação moral fundamentado em oito “atitudes de base”: confiança-desconfiança, autonomia-dúvida, iniciativa-senso de culpa, produtividade-inferioridade, identidade-não identidade, intimidade-isolamento, fecundidade-infecundidade, integridade-desespero. Estas atitudes são o suporte da personalidade sadia ou doentia do futuro.

O sétimo fator é o “testemunho de vida dos adultos”, que tem valor educativo inestimável. É o que mais convence. Neste sentido entendemos que toda educação moral que não for coerente perde sua força de persuasão, por exemplo: exigir sem motivar, impor sem vivenciar, conhecer a verdade e não segui-la, saber que está errado e não mudar, negociar e depois não cobrar. Estas incoerências impedem o progresso do amadurecimento moral dos jovens.

Questão fundamental é a visão que se tem de liberdade. Em nossos dias, a liberdade precisa ser libertada de conceitos ideológicos. É o nosso tema a seguir.

5 Liberdade

Uma das maiores conquistas da humanidade é a democracia e a liberdade. Igualmente Deus, sempre respeitou a liberdade humana. Mas a liberdade hoje precisa ser libertada do individualismo, do relativismo, da autonomia absoluta. Liberdade não é: “fazer o que eu quero”, não é capricho, nem libertinagem. São conceitos errôneos de liberdade. Quem pensa que liberdade é dar-se a si mesmo a licença de praticar o mal, viver o liberalismo, acaba sendo um totalitário e egoísta frente aos outros.

Ser livre é diferente de ser liberal e de ser libertino. O liberal quer liberdade sem responsabilidade. A liberdade dos egoístas é dominação, totalitarismo. O libertino quer liberdade sem fidelidade. A liberdade dos libertinos é escravidão. Em nome da liberdade acontecem tiranias, dominação do mais forte sobre o mais fraco, como é o caso do aborto, do espancamento de crianças e mulheres, do turismo sexual, da corrupção.

Quando queremos viver uma liberdade sem lei acabamos provocando o oposto, a “lei sem liberdade”, porque impomos nosso ponto de vista aos demais. Numa liberdade sem limites acontece a justificação



da cultura da satisfação, do imediato, do prazer desordenado, da curtição sem proibição, do reino da facilidade sem a verdade.

A liberdade foi ferida pelo pecado, e assim, quem escolhe o mal deixa de ser livre. É escravo do pecado. É preciso libertar a liberdade através da graça de Cristo. Ele ensinou: “*A verdade vos libertará*” (Jo 8,32). A liberdade é gêmea da verdade, do bem, do amor. Liberdade é fazer o que eu devo. É libertação do egoísmo, dos apegos, dos desejos. A liberdade é uma tarefa: libertar-se do mal para a prática do bem. No dom de si e no acolhimento do outro temos a maturidade da liberdade, que consiste na superação da escravidão, na derrota do individualismo e na conquista da personalização, do respeito mútuo, do direito dos outros, porque a liberdade é relacional. A liberdade supõe obediência à verdade, à justiça, ao amor. Uma liberdade absoluta não existe, seria um novo totalitarismo, a supremacia do poder. Eis o significado perverso e iníquo de liberdade.

A liberdade humana é histórica, e por isso se realiza na solidariedade, convivência, diálogo, comunhão. Quem se liberta do seu “eu”, está livre para servir. O amor ajuda o outro a conquistar a liberdade. Tendo já conquistado a liberdade política, a liberdade de escolha e decisão, precisamos nos libertar de nós mesmos, dos apegos e programações massificadoras, para que a vida moderna não venha a escravizar-nos com o consumismo e para que sejamos livres do relativismo ético e da permissividade que torna tudo convencional e negociável, desagregando a personalidade e a sociedade.

Nossos cérebros estão massificados. Tal fato repercute fortemente na vivência da sexualidade. Somos escravos da mídia, do consumismo, dos poderes ocultos. Para sermos livres precisamos nos conscientizar e reagir à massificação. É nossa próxima reflexão.

6 Cérebros Massificados

Muito já se escreveu sobre a massificação, no sentido de que somos programados, doutrinados e robotizados pela sociedade que nos controla. Vivemos uma era de doutrinação e imposição de comidas, bebidas, roupas, lazer etc. A sociedade nos controla para sermos produtivos e consumidores. Não decidimos o que queremos e desejamos, somos programados pelo computador do consumismo: dinheiro, poder, sucesso, lucro, aprovação, autopromoção etc, são exigências do computador social introjetado em nossos cérebros. Somos escravos dos esquemas sociais:



casa, automóvel, praia, velocidade, sexo, satisfação e prazer a todo custo. Somos pensados pela ideologia, pensamos idéias pré-concebidas pelos interesses do mercado. Somos treinados a confiar em falsas crenças, pressionados a consumir, obrigados a gostar de certas coisas e a desgostar de outras. Somos impelidos a competir, comparar, manipular, censurar. É preciso dançar conforme a música do mercado consumista. O que conta é a aparência, o sucesso, o lucro, não os valores. Há uma estrutura pré-fabricada dentro de nossos cérebros, que nos obriga a obedecer à programação, a satisfazer a ordem da pressão social. Somos pressionados a acreditar que não podemos ser felizes sem possuir as coisas prescritas pelo computador da massificação social e cerebral. A ordem é satisfazer todos os desejos. A sociedade canoniza aqueles que se amoldam e se conformam aos seus interesses. Os outros são excluídos ou tidos por vulgares, cafonas, anacrônicos, estranhos, complexados.

Toda programação e condicionamento nos transformam em robôs, somos vítimas de nossa própria programação, aceitamos como verdade coisas que são pensadas e pré-fabricadas pelos mestres do consumismo. Pensamos idéias pré-concebidas, esquematizadas e impostas pelas ideologias do poder econômico, somos regidos por conveniências e não por convicções pessoais. É a triste realidade do cérebro massificado, condicionado por falsas crenças. Somos escravos da programação social, vivemos iludidos, pior ainda, fechamos o coração para os valores, amamos as ilusões e procuramos a falsidade. Eis aí a origem de muitos sofrimentos, sentimentos negativos e convencionalismos.

É preciso acordar, desprogramar-se, conscientizar-se. Buscar iluminação interior para não confundir sonho com realidade. Abrir os olhos, despertar e reagir para não sermos fotocópias, robôs, escravos, cérebros massificados. Só quem segue o caminho dos profetas tem coragem de ser pioneiro, reagir, ser diferente. Profecia, consciência e mística nos salvarão, reconquistando a ética, os valores, a liberdade. Mais do que nunca é oportuno o convite de Jesus à conversão, para sermos livres de todo apego, programação e individualismo. Enfim, fazermos a experiência da felicidade e da liberdade.

7 Os Jovens, os Adultos e a Ética

A ética sexual é uma interação entre jovens e adultos. Este tema merece nossa consideração. É uma questão prática, concreta e vital.



1. O comportamento dos adultos, mormente dos pais, afeta diretamente o comportamento dos jovens, tanto negativa como positivamente. Muitas vezes o protesto dos jovens é uma resposta à moral dos adultos, principalmente quando a consciência jovem é domesticada pela imposição dos mais velhos, criando o fenômeno da “consciência oprimida”.
2. A crise moral da juventude se situa na crise moral dos adultos: contestação de valores, injustiças, desemprego, alienação política, desencanto com ideologias, descrença nas instituições. Esta crise vem dos adultos, dos centros de poder. Uma das respostas dos jovens é a “contra-cultura”, a tentativa de criar uma nova maneira de viver, uma nova moral, uma nova proposta de vida.
3. Os jovens são os que mais sofrem com as imoralidades dos adultos: as desavenças e a separação dos pais, o tráfico de narcóticos, a massificação dos mass-mídia, a destruição ecológica, a ameaça armamentista e nuclear, o mercado do lazer. Se o jovem procura uma “ética da satisfação”, é porque ele é condicionado pelo mundo ilusório dos adultos. Seu mundo é ressonância da moral dos adultos, e seu “enigma existencial” leva-os a interrogações, suspeitas e indiferença.
4. Quando educar significa proibir, impor, enquadrar, moldar, estamos diante de um fenômeno de coerção, repressão e restrição moral. Abafa-se a criatividade, limita-se a liberdade e, mais que uma educação moral, estamos fazendo, na verdade, uma “colonização”, uma “civilização” do pequeno selvagem. Tudo passa a ser moralização. Não resta ao jovem senão optar pela apatia ou pelo protesto, pela indiferença ou pela revolução. Nestas alturas os pais soltam as rédeas e eis a permissividade, o desligamento, o descompromisso, a omissão, que são tão ruins quanto a opressão. Segue-se para o jovem a pior das opções: a “moral do oportunismo”. Ser livre agora é ter o poder de fazer o que se quer, é administrar mil possibilidades com uma acumulação de poder que chamamos equivocadamente de liberdade.

A mudança da moral dos jovens passa pela mudança dos adultos. A proposta de uma revolução ética e espiritual da humanidade é uma das grandes esperanças dos homens e mulheres de boa vontade.



5. A maioria dos jovens não aceita mais sujeitar-se a normas e proibições, se não compreendem seu sólido fundamento racional. Hoje não é mais possível dizer: “Eu proíbo você de fazer isso... Eu obrigo você a fazer aquilo”.
6. Os jovens analisam as origens das normas e contestam as incoerências, optando pela liberdade. Esta atitude força os adultos a rever sua moral e analisar seus comportamentos. Tal fato acaba por levar os mesmos adultos a não se sentirem mais culpados como se sentiam diante de determinadas experiências, e os leva até a imitar os jovens, vivendo hoje o que lhes foi proibido no passado. Gera-se uma espécie de “ciúme dos jovens de hoje”.
7. A moral dos jovens provoca uma mudança de valores. Vejamos alguns: a preferência pela autenticidade e sinceridade, contra as poses, as aparências e incoerências. Outra mudança é percebida no espírito de partilha da propriedade, do colocar as coisas em comum, a sensibilidade pela comunhão. Também não interessa muito ao jovem o êxito social, o status, a carreira. Interessam-lhe sim, os relacionamentos sadios e verdadeiros. O êxito está no relacionar-se. A maior mudança, porém, ocorre na esfera da sexualidade, e por esta via os jovens arrastam com relativa facilidade os adultos.
8. Outras mudanças trazidas pela moral dos jovens acontecem no conceito de culpa, de pecado, onde a moral tradicional parece “um país inabitável”. Esta mudança é provocada pela nova concepção de tempo como lugar onde acontece o novo, o imediato, o agradável e o oportuno. A “moral do oportunismo” toma espaço em todos os cantos, mas com ela estamos nos limites do relativismo, do utilitarismo. Surge então o momento de pôr em relação os diversos horizontes entre si e criar a “moral do discernimento”.

8 Educação para o Amor – Educação Sexual

Consideraremos a seguir a educação sexual - educação para o amor. Fá-lo-emos em forma de enunciados que têm por objetivo ajudar nossa compreensão.

1. Os adultos (pais) precisam solucionar seus problemas pessoais para poderem ajudar os jovens na educação sexual, sem projetar



- neles os próprios complexos. Este princípio vale também para os educadores, moralistas, catequistas, psicólogos, ministros da Igreja.
2. Ninguém morre por falta de sexo, morremos sim por falta de afeto. Resulta deste princípio que a castidade é possível e que pode fazer bem às pessoas, uma vez que não lhes falte o afeto.
 3. Sexo sem eros, sem ternura, sem emoção, sem calor humano e sem intimidade, não corresponde à natureza humana. Para ser humana, a sexualidade além do corpo requer o coração e o espírito. E a “trinca legal”: sexo, eros, ágape.
 4. Educar para o amor é também educar a vontade e educar para os valores. Nossa sexualidade é uma energia poderosa que precisa ser domesticada, conduzida pela vontade e pela sublimação, isto é, pelos valores.
 5. Na sexualidade precisamos lembrar que “não devemos ter vergonha de abordar e admirar, o que Deus não teve vergonha de criar” (J. Mohana). É preciso pois superar o tabú e o permissivismo, para alcançarmos aquela desejada “simpatia sexual” que supera o sexo zoológico e o sexo angélico, ambos desumanos.
 6. Nossa sociedade consumista criou a ética do oportunismo e do agradável, o que, em termos de sexualidade, chamamos de “orgasmolatria”. Esta obsessão pelo sucesso no prazer criou um novo tabu: a obrigação de sair-se sempre bem no sexo, o dever de ter sucesso a todo custo, a “infalibilidade na arte do prazer”. Este tabu é tão escravizante como o antigo da proibição.
 7. A pessoa humana é uma “célula sexual que se desenvolveu”. Descobrir e amar a sexualidade é descobrir a própria pessoa humana, pois nossa sexualidade é onipresente em nós. Somos sexo, ele está em nós no corpo, na alma, no psiquismo. Interessar-se pela sexualidade é interessar-se pela pessoa humana. Cada pessoa é um “desejo eterno de Deus”, que hoje existe e se encarnou pela mediação da sexualidade.
 8. A sexualidade humana é uma ordem de encontro, de comunhão, de comunicação. É abertura ao outro até chegarmos ao grande Outro, ao Face-a-Face, como diz E. Dussel. “A sexualidade é a antecipação escatológica da proximidade do Outro”.



9. Nossa bandeira sexual a ser defendida é a da ‘justiça erótica’ (Arturo Paoli). Nem feminismo, nem homossexualismo, mas um melhor relacionamento entre o homem e a mulher.
10. Nossa sexualidade é profundamente simbólica, carregada de significados dissonantes como: agressão, ternura, rejeição, rancor, narcisismo, exibição, auto-afirmação, vitória. Nunca esqueçamos que, depois de cada queda, quem procura levantar-se e recomeçar é uma pessoa casta. Não esqueçamos, também, que a mais elementar justiça a dar a nossos filhos é a de tratar os meninos como meninos e as meninas como meninas.

9 Educação Sexual na Escola

O assunto não está equacionado na maioria dos países do mundo. Na verdade, estamos vivendo os tempos da “revolução sexual” e contemporaneamente percebemos que sexo é ainda tabu, isto é, algo proibido porque é perigoso. Para alguns, a educação sexual nas escolas deveria ser livre, sem fronteiras; para outros, isso aumentaria a prática, a curiosidade e a permissividade das relações precoces. Cabe aqui uma pergunta: o que se entende por educação sexual? Antes de tudo se trata da “educação para o amor” e não apenas esclarecimentos biológicos e menos ainda, ilustrações para um sexo seguro, mas antiético. Não basta ensinar a biologia do ato sexual e as estratégias para não se contrair doenças sexualmente transmissíveis, especialmente a Aids. É verdade que estas questões também fazem parte da “educação para o amor”, mas não são as únicas, nem as mais importantes, pois o sexo não é uma realidade só biológica, mas principalmente humana, afetiva, espiritual, global. Sexo é corpo, coração, mente e espírito.

Apresento algumas considerações sobre o assunto, numa tentativa de colaboração para o aprofundamento da questão.

Primeiro: Toda educação sexual se fundamenta numa “ideologia sexual” ou filosofia. Há ideologias que defendem o “vale tudo”, isto é, a “orgasmomania”, entendendo o sexo como busca do prazer, da saúde, da normalidade, da amizade, da modernidade, da liberdade. Esta ideologia não vai além do genitalismo instintivo, da mistificação do orgasmo. Hoje “se ejacula como se urina” (Kahn). Precisamos superar o tabu e a permissividade do sexo, para alcançarmos a “simpatia sexual” que é o amor.



Segundo: Quem ministrará as aulas de educação sexual? Esta pergunta é fundamental, pois o professor poderá impor seu modo de ver, transmitindo aos ouvintes seus próprios complexos quer de repressão, quer de permissividade. Um educador nesta área, deve transmitir valores objetivos e manter o equilíbrio entre o moralismo e o liberalismo.

Terceiro: Toda educação sexual supõe a educação das emoções e principalmente da vontade. O mundo moderno deseducou a vontade (P. Chauchard). O conforto, o consumismo, a facilidade e o prazer dominam nossas vontades e nos escravizam. A farmácia e os comprimidos químicos substituem a vontade. Eles servem para dormir, acordar, esquecer, transar, conversar, sorrir. Hoje não se fala mais de renúncia, autodomínio, esforço. Sem reeducar a vontade não haverá autêntica educação para o amor. Sem a vontade não haverá ética e então retrocedemos ao mundo animal. Os animais controlam-se pelo cio, nós os humanos precisamos de ética.

Quarto: Não é a escola a única educadora para o amor. A família, os Meios de Comunicação, as religiões, o ambiente, a sociedade, não devem omitir-se nesta tarefa. Nossa atenção deve voltar-se para o ambiente e suas solicitações como: divertimentos, vídeos, danças, drogas, amizades, pornografias, vestes, salões etc. Que poderemos nós fazer em favor de uma educação para o amor se, fora da sala de aula, tudo convida ao prazer, à libertinagem, ao egoísmo? Educação sexual requer transformação social.

Quinto: A educação para a castidade é parte integrante e normal da educação sexual, entendendo por castidade o esforço de organizar nossas paixões. Não morremos por falta de sexo, morremos por falta de amor. Castidade é levantar-se, após uma queda, retomar o caminho, ordenar os afetos, recomeçar, saber domesticar nosso egoísmo carnal e perdoar nossas fraquezas. Castidade é libertar-se do jugo dos instintos e das paixões, tomar-se livre da tirania dos desejos desordenados. Castidade é humanização da sexualidade.

Sexto: A educação sexual requer a educação para os valores. Temos necessidade de valores para nos tornarmos adultos. Na educação sexual não podem faltar os seguintes valores a serem ensinados: o amor, a castidade, o autodomínio, o matrimônio, a maturidade afetiva, o compromisso, a mística, a consciência. Enfim, é preciso respeitar a globalidade da pessoa humana, especialmente sua capacidade de amizade com Deus. A intimidade espiritual com Deus fortalece a amizade humana e organiza a convivência entre o homem e a mulher.



Oferecemos a seguir algumas reflexões sobre a castidade e a virgindade, que são valores humanos e evangélicos.

10 A Castidade é possível

1. Castidade é uma possibilidade da própria sexualidade, porque ninguém morre por falta de sexo. A sexualidade humana é uma pulsão não vital, ou seja, a pessoa humana vive saudavelmente sem o exercício físico da sexualidade. Ninguém morre por ser casto, pois a sexualidade humana não é uma realidade apenas fisiológica, mas psicológica e espiritual.
2. A castidade é possível através da sublimação, que significa assumir ideais, valores, cultura, religião, que preenchem e integram a sexualidade. Sublimação é a substituição do prazer físico por outros prazeres de ordem superior, ou seja, valores culturais, religiosos, sociais, altruístas, artísticos, esportivos.
3. A castidade é possível pela força de vontade que controla e purifica os pensamentos e a vontade. Somos o que pensamos. O sexo deve ser domesticado pela mente, pelo coração e pelo espírito. *“Os puros de coração, verão a Deus”* (Mt 5,8).
4. A castidade é possível dentro de um conjunto de meios: controle da gula, exercício físico, oração, autodomínio. A espiritualidade, a mística, a oração possibilitam a castidade porque movem à conversão do coração.
5. A castidade é possível graças ao fascínio de um amor maior, graças a uma generosa doação de si, pois a caridade é maior que a castidade. Amor maior significa ter ideal na vida, dedicar-se a uma causa nobre, optar por valores que preenchem a vida e o coração.
6. A castidade é possível porque consiste em cair e levantar-se, em humanizar a sexualidade. em integrar e ordenar os instintos. É a castidade moral que consiste no esforço de organização das forças instintivas.
7. A castidade conjugal significa ser fiel ao amor conjugal, respeitar a consciência do cônjuge, e nada impor ao outro. Faz parte da castidade conjugal a doação de si ao outro, ou seja, não recusar a vida íntima, por qualquer motivo egoísta.



A castidade é um tema relacionado com a prevenção contra a Aids. Sabemos que a Aids está atingindo os adolescentes na faixa de 14 anos para cima e os idosos, além de casais e crianças. O combate à epidemia deve continuar com a educação para o amor, que inclui o valor da castidade. O preservativo é necessário, mas não é a última palavra, nem possui segurança absoluta. Entendemos por castidade, a organização de nossos instintos, a humanização da sexualidade humana, a integração das pulsões eróticas. A castidade é uma componente da sexualidade, é parte do sexo, uma vez que toda pessoa que, após alguma queda, faça o esforço de recomeçar, levantar-se, purificar-se e continuar lutando, é uma pessoa casta. Castidade é cair e levantar-se, cair e recomeçar. É consenso comum que o sexo precisa de limites. Castidade é limite frente à desagregação, e fator de reeducação da vontade na conquista do amor e da maturidade psicológica e ética.

A castidade é uma possibilidade da sexualidade humana, como ensina a “sublimação freudiana”, pois o sexo sem controle leva à autodestruição. É desumano e destrutivo entregar-se à escravidão das paixões. Vencê-las é conselho de Confúcio, de Buda, de Ghandi, de Freud, de Cristo e de tantos outros. Nenhum destes mestres é castrador, pelo contrário, são conhecedores do coração humano. Castidade não é repressão do sexo, nem condenação do corpo, nem censura, mas “humanização da sexualidade”. Consiste em ordenar os afetos desordenados para alcançar a maturidade do amor e doação de si. É colocar ordem nos desejos. Castidade é cair e levantar-se, cair e recomeçar, cair e lutar sempre pela integração das emoções e paixões. Castidade não é perfeccionismo, nem defesa do moralismo, é sabedoria que defende a dignidade humana e que liberta do domínio dos instintos. Educar para a castidade é educar para a libertação da erotização egoísta, para o humanismo, para a maturidade erótica. Castidade é sábia regulação da sexualidade em vista de sua humanização.

Educar para a castidade é uma questão de compromisso com a verdade, visto que “eros está doente”, virou coito, orgasmomania, turismo sexual, gravidez precoce, prostituição infantil, disseminação da Aids, progressão do aborto, falência conjugal, banalidade tipo playboy, “bundolatria e bundomania” como disse um artista recentemente. Não se deve confundir castidade com neoconservadorismo. Pelo contrário, a castidade quando bem dimensionada é mediação para a maturidade do amor e salva o sexo da permissividade e da trivialidade.



A própria sexualidade comporta a possibilidade da castidade, porque o instinto sexual não é vital, ou seja, ninguém morre por ser casto. A sexualidade humana tem uma elasticidade impressionante porque não envolve só a dimensão física, mas principalmente o afeto, o sentimento, o coração e também o espírito. A castidade é para salvar a integridade da pessoa e a integralidade de sua doação no amor. Isso requer uma aprendizagem do domínio de si, da renúncia, que é uma das características da maturidade. Isso mesmo, a castidade colabora com nossa maturidade. Se o homem comanda as paixões, terá paz e unidade interior; se, porém é subjugado por elas, torna-se infeliz. Pela castidade conquistamos a liberdade frente ao cativo das paixões. Portanto, a castidade é uma vocação, uma escola onde se aprende a doação de si e a verdadeira amizade. A sexualidade está a serviço da vida e do amor. É desvirtuado o sexo realizado só em função do prazer, porque facilmente cai nas malhas do egoísmo, do poder, do lucro. Ninguém é prejudicado por ser casto; pelo contrário, conquistará mais alegria e realização de si no amor que sabe doar-se. Castidade é um caminho possível e eficaz no combate à Aids.

11 O Valor da Virgindade

Este tema é polêmico, mas ao mesmo tempo evangélico. É assunto rotulado como tabu, mas é igualmente existencial. Foi sobejamente constatado que o rigorismo moral acabou por incentivar o machismo e reforçar a chamada dupla moral. Tais abusos, aliados aos interesses consumistas e permissivistas, contribuíram para exilar a virgindade. Ela está na lista dos “já era”.

É claro que não pretendemos aqui fazer uma apologia da integridade do hímen. Entendemos por virgindade o esforço que fazemos para superar os apetites da carne, a conquista da castidade, a luta pela fidelidade. Esta é a virgindade moral, ou seja, a honestidade do coração e a retidão de consciência. Mesmo perdida a virgindade física, permanece a virgindade moral.

Em sentido espiritual, a virgindade consiste em criar mais espaço para Deus dentro de nós e nos dedicarmos mais ao próximo. Virgem, então, é a pessoa oblativa, disponível, dedicada. Vemos que o tema é amplo, mas aqui vamos frisar o aspecto social da virgindade.



11.1 A virgindade e o bem comum

Crimes sociais, vinganças, ódios, desuniões e até doenças, são provocadas pela falta de castidade, de virgindade. Já dizia J. Rock que “a energia sexual sem ética é mais mortífera que a energia atômica”. De fato, numa pesquisa feita pela ONU, constatou-se que no mundo diariamente são praticados 120 mil abortos. Os exploradores do erotismo são um perigo público. A virgindade é necessária ao bem comum. Que o digam os pais honestos. O sexo sem controle é nocivo à comunidade. Emancipando-se do controle da religião e da família, o sexo hoje está nas mãos do controle policial e estatal. Não creio que isso seja progresso, nem liberdade.

11.2 A virgindade e a saúde

Estou convicto de que a castidade contribui para a formação da personalidade sadia. Segundo André Berge, “as perturbações da vida moral comprometem a saúde mental”. A ruína moral levou a um aumento das neuroses. O homem não pode viver sob o princípio do prazer sem comprometer sua saúde. O culto da voluptuosidade desagrega a unidade interior, bloqueia o amadurecimento da personalidade e impede a oração. Virgindade e fidelidade contribuem para a nossa saúde e paz. Na sociedade de hoje aumentou a facilidade de se copular e diminui a capacidade de verdadeiramente amar.

11.3 A virgindade e a justiça

O homem de hoje considera a virgindade um anacronismo, mas geralmente exige uma esposa virgem. Com um braço seduzimos a mulher virgem e com outro condenamos a mãe solteira. Rimos da virgindade e marginalizamos a moça que engravidou ou forçamos seu casamento. Por causa do menosprezo da virgindade aumenta o tráfico de mulheres, a prostituição, o aproveitamento de secretárias e balconistas. Há na realidade, além do sadio sexo conjugal, um sexo-sacanagem, um sexo-divertimento. É isso justo?

Asseverava S. Tomás que o adultério, antes de ser um pecado contra a caridade, é um pecado contra a justiça. Trata-se de uma tríplice injustiça: contra o cônjuge, contra os filhos, contra Deus.



11.4 A virgindade e o direito à inocência

Nossas crianças, famílias, viúvas e pessoas consagradas têm direito à inocência. Sem a castidade este direito não é respeitado. A vida inocente e casta é agredida pela ausência de pudor. Esta atmosfera permissiva excita e inicia precocemente nossas crianças e jovens na estrada da malícia e do vazio. A revolta dos jovens é um protesto à mentira dos adultos.

11.5 A Virgindade e a civilização

A defasagem moral levou muitas civilizações à decadência. Para salvar a civilização ocidental urge a prática de uma tríplice revolução: social, moral e espiritual. Não podemos continuar a existir sem a ascese frente ao apetite de propriedade, de poder e da carne. A permissividade é a forma de demissão, de regresso, de pré-civilização. O pior é que por trás de tudo está uma mórbida especulação de lucro.

12 Namoro e Ética

Namoro o que é? Este é o título de um livro de João Mohana sobre o namoro. O autor era médico, psicólogo, padre e conselheiro com larga experiência, além de conferencista, pregador de retiros e principalmente escritor. Para explicar o que é o namoro, Mohana começa dizendo o que não é namoro. Não é passa-tempo; não é fazer um programa; não é brincadeira a dois; não é mera camaradagem ou companheirismo; não é apenas amizade ou relacionamento entre pessoas vizinhas. Namoro não é transa, não é parceria erótica.

Num segundo momento nosso autor esclarece o que ele chama de “verdadeiro namoro”. Antes de tudo, é um tempo de conhecimento mútuo, através do diálogo, da confiança, da partilha de vida. Por isso mesmo, namoro é tempo de crescimento, amadurecimento, aprofundamento das personalidades em questão. O namoro deve ser iluminado por um ideal, por um valor objetivo, que é o casamento. Diante disso, resulta que o namoro precoce é negativo porque falta o ideal. Durante o namoro é desaconselhável o isolamento da família, dos amigos, do grupo de jovens, da comunidade, da Igreja. Namoro não é transa no sentido de “aproveitar a juventude”. Para estabelecer um namoro verdadeiro, os parceiros devem ter a coragem de ser diferentes da moda e dos costumes impostos pela vida moderna. Sexo no namoro, não é necessário. É bom evitar encontros



diários para não desgastar o relacionamento. Bastam os encontros de fins de semana.

O autor sugere um cronograma para bem aproveitar o tempo do namoro: inicia-se com a conversa livre, partilhando os acontecimentos e a vida; depois, vem o momento de uma leitura a dois sobre temas que interessam: namoro, casamento, sexo, amizade, etc, inclusive a leitura de um trecho da Palavra de Deus. Em seguida, o tempo dedicado à manifestação do carinho e, enfim, a despedida, com uma oração final.

Por falta de um namoro autêntico acontecem os casamentos que nunca deveriam ter sido realizados, que são os matrimônios forçados, apressados, dolosos, imaturos, interesseiros, inseguros, de aparência, sem amor. Mohana discorda totalmente do namoro precoce por causa da imaturidade dos envolvidos, falta de assunto, erotismo, isolamento, ciúmes, desilusões, prejuízo dos estudos, imitação dos outros, agressões e sofrimento desnecessário.

Pior ainda é o namoro com motivações negativas como: fuga de casa, medo de sobrar, “todo mundo faz”, complexo de inferioridade, medo da solidão, necessidade de auto-afirmação. O tempo de namoro também conta. Muito curto ou muito longo é desaconselhável. As pessoas precisam distinguir entre gostar, gamar e amar. Paixão e amor não são a mesma coisa. É preciso restituir o verdadeiro sentido à palavra: amor. O mero erotismo é negação do amor, porque é afirmação de si e subjugação do outro. No erotismo a pessoa “acaricia-se a si mesma”, o outro é objeto de destruição. “A vitória do libertino é sempre uma amarga derrota” (E. Fuchs). Toda outra coisa é o amor, porque é respeito, confiança, doação, gratuidade, benevolência.

Sim, o amor nos dá as chaves da compreensão do mundo e da vida. Descubramos no amor humano a presença do amor de Deus. E que, através de nosso amor, Deus possa amar as pessoas. Nosso amor fraterno, conjugal, social, seja a mediação do nosso amor a Deus. Nesse sentido, que ninguém diga a nosso respeito: “Há quem ame a Deus porque não ama a ninguém”. Que, através do amor, os namorados possam valorizar esta grande verdade: a educação de uma criança começa vinte anos antes dela nascer, isto é, no namoro daqueles que serão seus futuros pais.



13 Clonagem e ética

Muito atual é a problemática da clonagem humana. Oferecemos alguns elementos para a reflexão, sabendo que é preciso maior aprofundamento do tema.

A clonagem tem suas vantagens: fazer réplica, cópia de indivíduos saudáveis, belos, inteligentes, etc; superar doenças genéticas; reproduzir uma vida de alguém que já morreu, mas que deixou células congeladas; escolher o sexo; propiciar a procriação onde o pai sofre de aspermia (insuficiência de esperma); replicar o filho moribundo de uma viúva; selecionar indivíduos, pessoas, gênios.

Contra a clonagem, porém, há muitas objeções:

1. O comércio de embriões onde a vida se torna ou material descartável (destruição de embriões), ou será uma mercadoria à venda.
2. O eugenismo é um racismo biológico porque reproduz os sábios, gênios e belos, e descarta as outras vidas.
3. Desvaloriza a relação, a bissexualidade, a filiação, a consangüinidade, o parentesco, a progeneritura.
4. Instrumentaliza-se a mulher, que passa a ser fornecedora de óvulo e útero de empréstimo (até que se invente o útero artificial).
5. É um ato de poder absoluto do homem, uma arbitrariedade, porque fixa a substância genética privando-a da diversificação natural, o homem quer saber mais que o Criador Onipotente. Uns poucos terão domínio sobre os outros, programando sua identidade genética.
6. A clonagem reduz o homem a uma realidade reprodutiva, menosprezando tudo o que diferencia a pessoa humana do animal. O valor da pessoa dependerá da biologia. Trata-se de um despotismo biológico-científico, pois o homem não é mais um valor, mas um objeto, um meio.
7. Pela clonagem, uma mulher pode ser irmã-gêmea de sua mãe, ou filha do seu avô. O clonado(a) é uma cópia, fato este que causará sofrimento com relação à identidade pessoal. Alguém é clonado para assemelhar-se a alguém que “valia a pena” clonar.
8. A clonagem nega a dignidade da pessoa e da procriação, vai contra o princípio de igualdade e de não-discriminação, usa a



mulher como fornecedora do óvulo e útero. Manipulam-se embriões como objeto de investigação e de mercado, o que faz ver que a ciência não respeita a dignidade humana do embrião, falta-lhe o sentido da vida. A vã esperança de um “super-homem” traz a morte do homem. Há uma diferença entre a vida como dom de amor e como produto industrial. Quando as pessoas decretam a morte de Deus e querem tomar o lugar da divindade, acabam sendo desumanas.

14 Considerações sobre a Pedofilia

Não podemos concluir nosso estudo sem uma referência à pedofilia, que tem infelizmente atingido pessoas religiosas e consagradas.

1. A Igreja antes de tudo se coloca de joelhos, faz reparação e pede perdão pelos erros de seus filhos, sempre lembrada que Deus rejeita o pecado mas ama e perdoa o pecador, porque é rico em misericórdia e conhece o interior dos corações. Perdoar é mais nobre que julgar e condenar.
2. Entre 46 mil sacerdotes nos Estados Unidos, 218 casos de pedofilia foram apurados, nem todos comprovados, desde 1950 até hoje. Trata-se de uma minoria ínfima, em relação ao que acontece nas famílias e na sociedade em geral. Nada disso inocenta os religiosos. Não podemos desculpar o indesculpável. Mas a verdade é que há também em tudo isso, morbidade pelo ibope e pelo dinheiro, além de a sociedade “lavar a alma” por ressentimentos anti-religiosos. Cabe à mídia denunciar o mal. Pena que nem sempre respeita a ética na comunicação. A imprensa mundial vem alertando desde muito tempo a respeito da erotização infantil precoce na sociedade consumista.
3. Sabemos também que nem todos os casos são de verdadeira pedofilia, porque onde estão envolvidos garotos de programa, adolescentes e jovens, trata-se de “efebofilia”. São pessoas já feridas e erotizadas pela cultura permissiva e consumista. Nada disso isenta os religiosos de erro e pecado, mas é preciso distinguir para não confundir. Há muita diferença entre pedofilia e efebofilia. Vale ainda a palavra de Jesus: *“Eu também não te condeno, vai e não peques mais”* (Jo 8,11). É bom não esquecer que os pedófilos, quase sempre, foram vítimas de abusos quando eram crianças.



4. Cabe à Igreja aprender com os erros, interpretar os sinais dos tempos, corrigir rotas para o futuro. Hoje acontece uma coincidência entre enfraquecimento espiritual e a erotização avassaladora, na sociedade e nas famílias, atingindo é claro a esfera eclesial. Nada mais é pecado. Tudo é normal. Os candidatos ao sacerdócio trazem estes problemas de longe, às vezes da própria família, escondendo a ferida quer a seus pais, quer aos formadores do seminário. Deste modo não podem ser ajudados, e carregam consigo um espinho na carne, uma grande cruz, uma ferida interior. Precisam de cirineus e médicos que os ajudem, pois todos somos “médicos feridos”.
5. Nesta hora é bom lembrar que as crianças são vítimas de tantos outros crimes como: trabalho infantil, fome, orfandade das guerras em tantos países; crianças africanas morrem de fome a cada minuto e parece que isso não interessa aos poderes do mundo. Menores abandonados, prostituição infantil, turismo sexual são conseqüências do erotismo que invade nossa cultura. Nossas crianças são violentadas pelas novelas, outdoors, videogames, big-brothers, internet, revistas e outras pornografias. Oxalá, esta hora de desgraça para a Igreja, seja hora da graça para todos, no sentido de mais respeito pela inocência. Quem tem pecado, não deve atirar pedras.
6. Uma grande obra de arte pode ser danificada, mas sua beleza permanece. Assim é com a Igreja. Ela continua evangelizando as crianças pela pastoral da criança, escolas, creches, orfanatos, hospitais infantis, pastoral do menor, catequese eucarística, infância missionária, coroinhas, apoio a Apae, incentivo à adoção, etc. O bem não faz alarde, mas infelizmente o abuso faz notícia e dá muito lucro para alguns. Nossos algozes são nossos artistas. A santidade vencerá o pecado, a graça pode curar as feridas, o amor é maior que o erro. A fé nos incentiva a ter esperança na recuperação das pessoas. “*A Deus nada é impossível*” (Lc 1,37). O caminho certo é: um sacerdócio mais santo numa Igreja mais santa para o bem da sociedade. Mais uma vez ouvimos a voz divina a nos dizer, como a Francisco de Assis: “Vai e reconstrói a minha Igreja”.



15 Sexo, Drogas e Amor Exigente

Na educação sexual é preciso conhecer o “Amor Exigente”. Em que consiste? É um reconhecido método para a recuperação dos tóxico-dependentes, fundamentado em *doze princípios* que vamos agora conhecer. Amor exigente é amor providente. Está a serviço da prevenção. Não é amor intransigente nem condescendente, mas providente.

Primeiro princípio: “Ninguém dá o que não tem”. Pais vazios, filhos frágeis. Escrevia um jovem encarcerado a seus pais: “Porque vocês foram fracos no bem, eu fui forte no mal”. Pais despreparados, filhos desorientados.

Segundo princípio: “Os pais também são gente”. Isto quer dizer que os pais não são onipotentes. Pelo contrário, devem aceitar suas imperfeições e devem perdoar a si próprios, sem perder sua autoridade, nem desanimar por causa dos problemas.

Terceiro princípio: “Os recursos dos pais são limitados”. Na verdade, os pais precisam ser ajudados com o apreço, reconhecimento e atenção dos filhos, pois sofrem limitações econômicas, emocionais, éticas, religiosas.

Quarto princípio: “Pais e filhos não são iguais”. Aos pais cabe a obrigação de intervir, de estabelecer normas, de cobrar. Não podem abdicar da sua missão nem de sua autoridade. Os filhos devem respeito aos pais, inclusive porque a casa onde moram é dos pais.

Quinto princípio: “A futilidade da culpa”. O jogo da culpa não resolve nada, porque é autocensura. Nada adianta autoflagelar-se, o que importa é mudar, aprender com os erros. Pela culpabilização os filhos manipulam os pais, os quais por sua vez se fazem vítimas pela auto-culpabilização.

O sexto princípio prescreve: “O comportamento dos pais afeta os filhos e o comportamento dos filhos afeta os pais”. O jeito de ser pai e mãe, o testemunho de vida dos pais, os gestos mais que as palavras, afetam os filhos. Por outro lado, os acontecimentos da vida dos filhos, sua conduta, suas crises afetam os pais como uma caixa de ressonância. Os pais precisam de ajuda.

Sétimo princípio: “É preciso tomar atitude”. Não omitir-se nem delegar responsabilidades para terceiros. Os pais devem discordar dos filhos quando errados, tomar atitude contra os abusos, buscar apoio de



outras pessoas, obter informações. É preciso decidir, agir, cumprir seu dever de estado e sua missão.

O oitavo princípio: “Administrar as crises”. Os problemas são possibilidades de vitória. É preciso trocar idéias, aceitar ajuda de outras pessoas.

O nono princípio: “Ter um grupo de apoio”. Este grupo é formado por pais envolvidos com problemas de drogas com seus filhos, para troca de experiências, informações e instruções. Assim, os pais não se sentem sozinhos e têm um ambiente propício para seus desabafos e alívio das tensões.

O décimo princípio: “Exigir a cooperação dos filhos”. Os pais devem dar tarefas e trabalhos para os filhos em casa, fazendo-os participar da vida familiar. Eles devem arrumar seus quartos, lavar a louça suja da pia, não deixar tênis e roupas jogadas no chão.

O décimo primeiro princípio: “A necessidade da disciplina”. Sem disciplina, os filhos crescem inseguros e tornam-se onipotentes. Os pais acabam sendo reféns de seus filhos. É preciso estabelecer limites, educar a vontade. Não esconder a verdade.

Por fim, o décimo segundo princípio prescreve: “Amar, é saber ser firme, saber dizer não”. Os pais não devem ceder aos sentimentos e emoções. Não colocar panos quentes sobre os erros dos filhos. Muito menos justificar seus erros, não se abalar com as chantagens. O sofrimento é redentor. O amor é exigente.

Conclusão

A sexualidade é um impulso de comunhão e transcendência. É uma energia e uma condição humana. É preciso respeitar esta nossa condição sexuada com simpatia e gratidão, mas ao mesmo tempo sem rigorismos nem concessões fáceis, ou até infantis. O sexo requer não só maturidade física, mas psicológica, moral e espiritual. Tudo isso é assunto de educação.

Evangelizar a sexualidade e ajudar a redimir o amor humano é uma das grandes contribuições da teologia para o homem e a mulher, que peregrinam na busca da compreensão de seu mistério pessoal. Esperamos que este número de ENCONTROS TEOLÓGICOS provoque encontros, diálogo, interesse, aprofundamento sobre a urgência da ética na economia, na política, na religião, na família, na sexualidade. Pais, educadores,



Dom Orlando Brandes

religiosos e religiosas, são os principais protagonistas da educação para o amor. A ética nos livra do mal e aponta o rumo do bem, da verdade, da liberdade. A ética da felicidade se fundamenta na fidelidade, pois o amor é exigente.

Endereço do Autor:

Caixa postal 284
80201-972 JOINVILLE, SC
e-mail: secrejve@terra.com.br